



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

DANIEL DE MOURA RIBEIRO

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE: DESAFIOS PARA A
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

BRASÍLIA

2022



DANIEL DE MOURA RIBEIRO

**TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E SUBJETIVIDADE: DESAFIOS PARA A
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Relatório final de pesquisa de iniciação científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa.
Professora Orientadora: Dr^a. Valéria Deusdara
Mori

BRASÍLIA

2022

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos e a todas que sentem medo da novidade das novas tecnologias de informação e comunicação, que ainda não sabem o que elas significam, que não conseguem manipulá-las. Também o dedico aos que são apaixonados por elas, para que reflitam sobre o lugar que elas têm em suas vidas. Por fim, dedico a todos e a todas que tornaram o nosso tempo mais interessante ao inventá-las. Como a nossa vida é diferente, em muitos sentidos, por causa delas!

Agradecimentos

Se não fosse o que aprendi com minha prof^a. Ana Flávia Madureira sobre Pesquisa, com meu prof^o. Lucas Amaral sobre Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e com minha prof^a. Orientadora Valéria Mori sobre Teoria da Subjetividade, o mosaico de ideias que é este trabalho não teria acontecido. Portanto, agradeço imensamente a eles, educadores sérios, queridos e divertidos que são inspiração para mim no processo de aprender a ser pesquisador e psicólogo.

Sem os apoios, de diversos tipos, do Mazinho, Paulo Cesar, Marta, Bruno, Ramon, João e todos os autores que vi, li e entrei em contato também não teria sido possível insistir no trabalho desafiador e diário de ir montando as pecinhas deste mosaico, com a esperança de que no final ele se tornasse uma bela imagem. Deixo para o leitor e para a leitora julgar se consegui alcançar esse resultado ou não, mas espero que sim.

Minha afetuosa gratidão a todos vocês!

“Não há pesquisa sem curiosidade. O mundo contemporâneo tem jogado muita terra em cima desta força que está dentro de nós, nossa curiosidade, nossa criatividade e nossa imaginação. Embotados, estamos incapazes de perceber, como disse Aristóteles, o maravilhoso que há em cada coisa. Precisamos de um reencantamento. De novo estupefatos, precisamos ir em busca de tentar descobrir e desvendar o mistério da realidade, o mistério de quem somos nós, o mistério da cultura e da sociedade. Para mim, isto é pesquisa”.

- D. M. R.

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo investigar e analisar efeitos subjetivos que o uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) possam vir a exercer sobre a constituição da subjetividade e a saúde de sujeitos contemporâneos. Utilizou-se uma metodologia qualitativa. O método de investigação foi o construtivo-interpretativo, da Epistemologia Qualitativa, proposto por González Rey. Realizaram-se duas dinâmicas conversacionais, com dois cidadãos do Distrito Federal, ambos usuários ativos das TICs. As informações construídas durante as dinâmicas conversacionais foram submetidas à análise do pesquisador que, a partir de pontes entre o teórico, o empírico e sua própria subjetividade, chegou a alguns resultados: a) conteúdos superficiais disseminados nas redes sociais têm produzido subjetividades superficiais; b) muitas pessoas estão desenvolvendo dependência das TICs, o que tem afetado seriamente sua saúde física, psíquica e social; c) a subjetividade social da escola não tem formado bem os/as alunos/as. Consequência: pessoas mal formadas tendem a cuidar mal de si mesmas e, entre outras coisas, fazer um mau uso das TICs, emitindo opiniões sem embasamento, espalhando *fakenews*, distribuindo *hatings*, etc.; d) mais importante que as tecnologias em si é o ser humano que as utiliza. Assim como qualquer outra ferramenta, elas podem ser usadas tanto para benefício como para prejuízo próprio, dos outros e do mundo. Por isso, pode ser que pessoas com melhor formação as utilizem para se desenvolver, evoluir, trabalhar, ensinar, inspirar os outros, etc. Assim sendo, é imprescindível que, entre outros profissionais, os/as psicólogos/as estejam atentos/as a esta temática.

Palavras-chave: contemporaneidade; tecnologia; subjetividade; saúde.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	3
AGRADECIMENTOS	4
EPÍGRAFE	Erro! Indicador não definido.
RESUMO.....	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO.....	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
METODOLOGIA.....	20
RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35
ANEXO.....	37

Introdução

O recente documentário *The Social Dilemma*, de Orłowski (2020), revela o quanto é imprescindível que o tema do uso das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) seja problematizado na atualidade, pois está interferindo nas formas de ser, pensar, sentir e agir no mundo e na saúde dos sujeitos contemporâneos. A fim de melhor compreender o estado atual das coisas, o presente trabalho realiza uma breve visita ao passado histórico. Nota-se que os sujeitos da antiguidade clássica e da era medieval ainda não conheciam a máquina (Reali, 2017; Marcondes, 2007). Foi só na Idade Moderna com a Revolução Industrial que ela foi inventada e passou a fazer parte da vida humana.

Fruto significativo desta revolução tecnológica foi a invenção da Internet no final do século XX (Moreira, 2010). A internet foi “uma das mais significativas inovações tecnológicas das últimas décadas, favorável sobretudo à comunicação e à busca de informações” (Donnamaria e Terzis, 2012, p. 165). Ela potencializou o fenômeno da Globalização. O mundo está mais globalizado e interconectado por causa dela (Silveira, 2004). Intrigada com este fenômeno, Sibilia (2008) sustenta que a sociedade atual está passando por um intenso e turbulento processo de transformação. A dinâmica e a complexidade destas novidades suscitam uma grande interrogação na autora: que tipo de Subjetividade este contexto pode engendrar?

Neste sentido, Lima *et al* (2016, p. 91) ressaltam que “a rapidez proporcionada pela revolução digital invade a vida social, levando ao abandono de velhas formas sociais e à mudança das percepções e das noções sobre identidade pessoal e sociedade”. Silveira (2004, p. 43) chama a atenção para “a importância de considerar as novas tecnologias como fatores de subjetivação”. Deste modo, as novas tecnologias de informação e comunicação parecem ter um papel importante na construção de novas organizações subjetivas. A internet “se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades” (Sibilia, 2008, p. 27).

Além disto, tem-se refletido bastante sobre a relação entre o uso das TICs e a saúde dos sujeitos contemporâneos. Baseando-se nas reflexões de Zygmunt Bauman (2001), Lima *et al* (2016, p. 90) asseveram que a aplicação do *modus operandi* fluido, imediatista, instantâneo e simultâneo das TICs sobre a subjetividade humana pode ser desastrosa para a saúde, gerando estresse, ansiedade e até depressão. Ademais, “uma certa confusão de

identidades está crescendo entre jovens de [diferentes] culturas (...)” graças a globalização, potencializada pelas novas tecnologias. Esta constatação não pode ser ignorada, pois a confusão de identidades pode afetar significativamente a saúde de jovens e adultos, gerando abuso de drogas, depressão e até suicídio (Silveira, 2004, p. 46 e 49).

O presente trabalho se valerá da definição de subjetividade construída por González Rey, que a entendia como um processo complexo, dinâmico, plurideterminado e “(...) que tem como sua unidade constitutiva essencial os sentidos subjetivos” (González Rey, 2005, p. 18). Segundo o autor, não tem como pensar e compreender a subjetividade humana sem levar em conta a influência da cultura e dos artefatos culturais (González Rey, 2005, p. 22). Assim sendo, concebendo as novas tecnologias como artefatos culturais, o presente trabalho objetiva investigar os impactos delas sobre os processos subjetivos e a saúde de sujeitos contemporâneos.

O método de investigação desta pesquisa será o Construtivo-interpretativo, da Epistemologia Qualitativa, proposto pelo referido autor. Realizaram-se dinâmicas conversacionais com dois usuários das redes e, a partir disto, refletiu-se sobre a importância das TICs para a vida e a saúde do homem e da mulher do século XXI.

Este estudo tem como objetivo investigar e analisar efeitos subjetivos que o uso das novas tecnologias de informação e comunicação possam vir a exercer sobre a constituição da subjetividade e a saúde de sujeitos contemporâneos. Segundo Lima *et al* (2016, p. 90), “é preciso considerar que a enorme presença da internet em todos os setores da vida humana justifica o incremento de pesquisas sobre o tema”.

Assim sendo, tendo em mente que a cultura está atravessada pelas novas tecnologias de informação e comunicação na contemporaneidade, o estudo e a investigação da interação das pessoas com estes artefatos culturais é de suma importância para profissionais que têm como objeto de estudo o ser humano e sua saúde física, psíquica e social.

Levando em consideração que é responsabilidade do saber psicológico o movimento de pensar sobre as condições históricas que influenciam e criam modos de subjetivação e que temos que considerar as TICs como fatores de subjetivação, torna-se tarefa fundamental da Psicologia compreender a influência da mídia virtual na formação e transformação da subjetividade e na saúde dos sujeitos contemporâneos (Moreira, 2010; Silveira, 2004).

Tendo o ser humano e, conseqüentemente, sua saúde como objeto de estudo, a área da Psicologia não pode se dar o luxo de acompanhar de longe o advento das TICs no seio da sociedade e não investigar os impactos disto sobre os sujeitos contemporâneos. Enquanto fator determinante na definição do pensamento, do sentimento, da ação e da saúde das pessoas do tempo atual, estas tecnologias e sua dinâmica precisam ser melhor investigadas e compreendidas pelos psicólogos e pelas psicólogas.

Embora não seja fácil “elaborar uma avaliação crítica de uma situação avassaladoramente presente” (Harvey, 1999, citado por Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 86), o presente estudo almeja promover reflexões e discussões significativas sobre a constante inserção das novas tecnologias de informação e comunicação na vida dos sujeitos contemporâneos.

Fundamentação Teórica

Periodizar o tempo é muito importante para bem compreender a história e a vida humanas. Tendo isto em mente, alguns autores pleiteiam que a história do ocidente pode ser dividida em Idade Antiga (ou clássica), Idade Média, Idade Moderna e, para os dias de hoje, temos nomenclaturas como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade líquida ou simplesmente contemporaneidade. Ao estudar alguns destes períodos, Reali (2017) pôde extrair características do homem de cada um deles: hábitos, costumes, valores, princípios, etc. Assim, o autor conta que o homem da antiguidade clássica grega, por exemplo, primeiro baseou seus modos de vida nos mitos, depois na filosofia racional. A atitude contemplativa, o pensamento reflexivo e a busca da virtude eram grandes valores da época.

Tempos depois, com a ascensão do cristianismo, o homem medieval redirecionou o foco posto na natureza e em si mesmo para a divindade, criadora do universo, da natureza e do ser humano. De acordo com Marcondes (2007), esse cenário só vai mudar a partir do século XIV com um movimento artístico e intelectual denominado renascimento, o *start* da idade moderna. Constata-se que o homem moderno tirou o foco do divino e pôs em si mesmo, movimento de passagem do teocentrismo para o antropocentrismo.

Pode-se afirmar que uma das características mais importantes da modernidade foi o desenvolvimento da ciência e da técnica. Um dos objetivos modernos era a intervenção técnico-científica na natureza com fins de utilidade. Assim, no final do século XVIII e início do século XIX inventou-se a máquina e ocorreu a revolução industrial, acontecimento este que vai mudar a vida humana daí para frente (Marcondes, 2007). Destaca-se o quanto a invenção dos automóveis, das aeronaves e dos computadores foi revolucionária (Lima *et al*, 2016).

Fruto significativo desta revolução tecnológica foi a invenção da internet no final do século XX (Moreira, 2010). Segundo Donnamaria e Terzis (2012, p. 165), a internet foi “uma das mais importantes inovações tecnológicas das últimas décadas, favorável sobretudo à comunicação e à busca de informações, tornando-se também uma importante ferramenta de contato social”. Neste sentido, Silveira (2004, p. 45) destaca que “a internet constitui-se no meio mais conhecido dessa convergência digital, com profundo impacto em novas formas de relacionamentos pessoais e sociais, novas possibilidades de pesquisa e aprendizagem, novos tipos de organização e formas de trabalho”.

Graças ao advento da internet, “fazer compras, cursos, divertir-se, reconectar-se com velhos amigos, fazer amizades e até namorar estão entre as ações envolvendo contato humano que ganharam suas versões *online*” (Donnamaria e Terzis, 2012, p. 167). Além disso, Silveira (2004) ressalta que a internet potencializou o fenômeno da globalização. Certamente o mundo está mais globalizado e interconectado por causa dela. Foi baseando-se nisso que Castells (2013) postulou a emergência de uma sociedade em rede.

Segundo Silveira (2004, p. 48), “a emergência das comunidades virtuais constitui um dos maiores acontecimentos sociológicos dos últimos anos”. Redes sociais como o *whatsapp*, o *instagram* e o *facebook* tornaram-se poderosas ferramentas de contato social contando, atualmente, com bilhões de usuários(as) de todo o mundo (Beling, 2021). Um participante da pesquisa de Barbosa (2013) chegou até a dizer: “tava pensando em fechar minha conta na vida e ficar só no face”. E assim “a vida real é mais uma dentre muitas janelas possíveis” (Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 7).

Ora, se a vida real passou a ser só mais uma entre as muitas janelas possíveis, pode-se afirmar que as novas tecnologias dicotomizaram a realidade, mexeram com nosso entendimento do que é o real. De um lado parece estar a “vida real”; de outro, a “vida virtual”. Diante disto, pode-se indagar: será que a vida real é tão pesada que precisa ser convertida em algo de ficcional para ser suportada? A imigração para a vida virtual pode nos tornar hostis à vida real? Isto não tornará o virtual cada vez mais real e o real cada vez mais irreal? Nas palavras de Zizek (2003), citado por Barbosa (2013, p. 6): este fenômeno não provocará um “deserto do real”?

Ao refletir sobre esta dicotomização, Silverstone, citado por Barbosa (2013, p. 7), observa que na vida virtual “os toques que seriam dirigidos ao corpo do outro são transformados em entusiasmada digitação no teclado; olhares de admiração, dúvida, excitação e interrogação são dirigidos às imagens e aos textos na tela do computador (e não às pessoas concretas)”. Assim sendo, pode-se afirmar que as novas tecnologias estão acarretando transformações inesperadas e surpreendentes: dissolvem fronteiras, oferecem novos espaços de pertencimento, reconhecimento e relacionamento social, reconfiguram laços e valores compartilhados.

Será que os inventores da internet e das redes sociais tinham noção do quanto elas seriam determinantes para a política, por exemplo? Segundo Silveira (2004, p. 6), “o

ambiente virtual tem sido capaz de gerar cooperação e participação democráticas inigualáveis na história da humanidade”. De fato, a internet tem possibilitado e facilitado a organização e a ação de movimentos sociais importantíssimos, como o antirracista, feminista, ecológico, etc.

Ao refletir sobre este cenário, Sibilía (2008) sustenta que a sociedade contemporânea está passando por um intenso e turbulento processo de transformação. Para ela, o homem contemporâneo está experimentando um corte na história, a transição de um mundo para outro. Levando em consideração que transformações histórico-culturais, políticas e econômicas influenciam diretamente as formas de ser, pensar, sentir e agir no mundo, ela questiona: que tipo de subjetividade a pós-modernidade está engendrando?

Vale destacar que o presente estudo focalizará esses processos de transformação mencionados por Sibilía *et al* (2008) dando ênfase para os impactos da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) sobre a constituição da subjetividade e a saúde de sujeitos contemporâneos. A fim de alcançar este objetivo, utilizar-se-á conceitos centrais da Teoria da Subjetividade de González Rey, como, por exemplo, sua definição de subjetividade. Segundo González Rey (2005), a subjetividade humana pode ser entendida como um sistema complexo, dinâmico, plurideterminado e “(...) que tem como sua unidade constitutiva essencial os sentidos subjetivos” (p. 18).

Segundo Mori e González Rey (2012, pp. 141 e 142), não tem como compreender a subjetividade humana sem levar em consideração a cultura e a posição da pessoa como sujeito. Assim, destaca-se seu caráter multidimensional: é individual e social ao mesmo tempo. Não se trata de uma representação essencialista da *psyché* humana, ou seja, como algo estático e imutável, mas sempre nova produção que vai acontecendo na medida em que ele vive e se relaciona. Não é a-histórica, o que quer dizer que se constitui em um tempo e em uma cultura específicos. Afirmar que é supraindividual seria incorreto, pois, segundo González Rey (2005, p. 25), “o indivíduo não é um epifenômeno do social”; não é uma resposta eliciada direta e linearmente pelo estímulo cultura. Desta forma, na contramão de correntes de pensamento como o Construcionismo Social, a Teoria da Subjetividade de González Rey não compactua com a chamada “morte do sujeito”.

De acordo com González Rey (2005), ao interagir com seu meio, a subjetividade individual produz sentido subjetivo, que é definido pelo autor como “a unidade inseparável

dos processos simbólicos e as emoções em um mesmo sistema, onde um evoca ao outro sem ser absorvido/determinado por ele” (González Rey, 2005, p. 20). Assim, pode-se afirmar que os sentidos subjetivos de uma pessoa são unidades integradoras de diversos processos simbólicos e emoções associadas de múltiplas formas. Tratam-se de expressões da história de vida pessoal e social de cada indivíduo em que a dimensão da pessoa como sujeito sempre está presente.

Assim como as células formam um órgão, um aglomerado de sentidos subjetivos podem formar o que González Rey (2005, p. 21) chamou de configurações subjetivas. Assim sendo, pode-se afirmar que em sua dinamicidade e processualidade a subjetividade produz sentidos subjetivos que, por sua vez, formam configurações subjetivas diversas. Exemplo de configuração subjetiva pode ser a forma como uma doença é entendida, simbolizada e sentida por um indivíduo a partir de sua história pessoal e social de vida, conforme demonstraram Mori e González Rey (2011) em seu trabalho sobre o social e o individual na experiência do câncer.

Além disto, o referido trabalho ilustra bem o relacionamento da subjetividade individual da paciente doente com a subjetividade social e suas representações hegemônicas do câncer. Fica claro como o individual e o social podem se constituir reciprocamente, mas também como podem se contradizer, o que evidencia o caráter contraditório dos processos subjetivos humanos. Neste sentido, González Rey (2005, p. 27) defende que “as subjetividades individual e social são partes de um mesmo sistema no qual as contradições entre eles se transformam em produções de sentido que participam, simultaneamente, do desenvolvimento dos sujeitos e da sociedade, em um processo infinito”.

Isto posto, pode-se afirmar que o homem é produto e produtor da cultura, que ele cria a ferramenta que o modifica (Barbosa, 2013). Sem desconsiderar o papel ativo do sujeito, González Rey (2005, p. 22) defende que “a sociedade não representa uma dicotomia com a subjetividade; na verdade, a subjetividade desdobra-se e desenvolve-se no interior do universo de realidades e de processos objetivos que caracterizam a organização social”. Sendo assim, não teria como compreender a subjetividade individual sem levar em consideração suas complexas relações com a subjetividade social.

Ao refletir sobre estas complexas relações, Guattari (1996, p. 34), citado por Mori e González Rey (2012, p. 144), sustenta que “(...) a subjetividade individual (...) resulta do

entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies: políticas, econômicas, sociais, tecnológicas, etc.". Sendo assim, defende-se que não tem como refletir seriamente sobre as subjetividades do século XXI sem levar em consideração os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação sobre sua vida e saúde.

Deste modo, convém indagar: de que maneira as novas tecnologias, artefatos culturais cada vez mais presentes na vida dos sujeitos contemporâneos, têm afetado as subjetividades individuais? Tendo em vista o papel ativo de sujeito das subjetividades individuais, de que modo elas estão se posicionando frente às novas tecnologias e as novas possibilidades que elas proporcionam? Como as novas tecnologias estão afetando a produção de sentidos subjetivos dos sujeitos contemporâneos, ou seja, seus processos psíquicos, simbólicos, emocionais, afetivos, comportamentais e sociais?

Não foi atoa que, ao elencar algumas características da contemporaneidade, Simonetti (2017) afirmou que uma delas é a revolução tecnológica. Segundo o autor, não tem como pensar a atualidade sem levar em consideração a presença da tecnologia, da velocidade, do excesso, da desregulamentação e do narcisismo. Neste sentido, Patto (2013) afirma que "a pós-modernidade não é senão a lógica cultural do capitalismo em uma etapa avançada - ou seja, a lógica da modernização capitalista, que tem como centro a (revolução eletrônica,) a fragmentação e a aceleração do tempo" (Patto, 2013, p. 308).

Ao tratar deste assunto, Silveira (2004, p. 43) chama a atenção para "a importância de considerar as novas tecnologias como fatores de subjetivação". Segundo o autor, "as múltiplas transformações introduzidas pelas tecnologias digitais podem causar mudanças subjetivas significativas" (Silveira, 2004, p. 43). Neste sentido, Ferreira (2001), citado por Silveira (2004, p. 44), assevera que "os meios de comunicação influenciam comportamentos e atitudes e são capazes de influenciar ou determinar identidades culturais e sociais".

Segundo Lima *et al* (2016, p. 90), "as subjetividades não se transformam com a mesma velocidade das tecnologias". Ao afirmar isto, os referidos autores estão chamando à atenção para o fato de que o *modus operandi* do mundo virtual, caracterizado pela fluidez, pelo imediatismo, pela instantaneidade e simultaneidade, é diferente do dinamismo subjetivo humano.

Neste sentido, Lima *et al* (2016, p. 91) ressaltam que "a rapidez proporcionada pela revolução digital invade a vida social, levando ao abandono de velhas formas sociais e à

mudança das percepções e das noções sobre identidade pessoal e sociedade”. Esta afirmativa é extremamente importante, pois segundo os referidos autores, o atual sentimento de que o tempo está acelerado se deve à emergência das novas tecnologias no cenário humano.

Para Moreira (2010), as novas tecnologias de informação e comunicação estão promovendo mudanças fundamentais em noções constitutivas da subjetividade. Segundo a autora, os limites de tempo/espço/realidade são superados no espaço virtual. A fim de exemplificar o que está acontecendo com a percepção temporal do homem contemporâneo, ela assevera que a experiência de escrever uma carta para um país longínquo no século XVIII coloca em cena o “tempo da espera”. Já a comunicação virtual convida à experiência do imediatismo, alimentando a impaciência dos sujeitos com os movimentos do tempo (Moreira, 2010).

Além de promover uma aceleração do tempo, Moreira (2010) defende que a mídia virtual também estaria viabilizando uma negação do mesmo. Para a autora, o tempo presente estaria sendo supervalorizado em detrimento do tempo passado e do tempo futuro na contemporaneidade. Desta forma, a experiência humana parece ter sido reduzida a um agora sem relação com um ontem e um amanhã.

Tendo em mente os objetivos deste estudo, vale ressaltar que estas alterações da noção de tempo podem afetar de forma significativa a constituição da subjetividade e a saúde dos sujeitos contemporâneos. Evocando a sabedoria popular, destaca-se que “todo apressado come cru”. Neste sentido, enfatiza-se que muitos processos subjetivos demandam “tempo de espera”, ou seja, “apressar as coisas” às vezes pode ser muito prejudicial. “Viver (apenas) na imediaticidade do agora” (Moreira, 2010, p. 4-5), querer tudo para ontem pode ser muito estressante e, assim, adoecer a pessoa.

Além disso, destaca-se que uma das maiores e mais belas invenções humanas é são as noções de presente, passado e futuro. A habilidade de se saber no tempo presente em função de um passado que já foi e de um futuro que ainda pode chegar é uma das características singulares do *homo sapiens sapiens*. Segundo Freire (1987), o humano é o único ser da natureza capaz de “tridimensionalizar” o tempo.

Desta forma, os sujeitos contemporâneos precisam estar atentos às alterações da noção de tempo possibilitadas pelas novas tecnologias. Segundo Moreira (2010, p. 5-6), eles

devem tomar cuidado para não se tornarem “[...] sujeitos sem tempo, sem historia, fabricados por um espaço virtual mais do que fabricando este espaço”. Entre outras coisas, saber-se portador de uma historia e capaz de planejar e construir um futuro a partir do presente pode produzir sentido para a vida e saúde mental.

Ademais, Moreira (2010) enfatiza que a mídia virtual interfere na noção humana de espaço. A internet parece colocar perto o que está longe (e colocar longe o que está perto). Limites de espaço parecem não ser um problema mais. A conferência *online* de biodiversidade da ONU iniciada no dia 11 de outubro de 2021 pode exemplificar bem o que se está querendo dizer. O evento agrupou líderes de diversas nações sem que nenhum deles precisassem sair de seus países.

Além de tempo e espaço, a mídia pela internet também mexe com a noção humana de liberdade. Isto se dá porque a internet proporciona aos sujeitos contemporâneos serem quem quiserem e estarem a qualquer hora em qualquer lugar. Se assim é, o sentimento pode ser o de onipotência. Segundo (Moreira, 2010, p. 5-6), “o apelo da mídia virtual é ainda maior porque produz uma ficção de liberdade e exclusividade”.

Assim sendo, “a noção de tempo apresenta-se [...] como busca pelo imediato, pelo urgente, sem o tempo de espera e como negação do fluir temporal. [...] o espaço é ilimitado [...]. A liberdade alcançou níveis jamais pensados pelos revolucionários modernos” (Moreira, 2010, p. 5-6). Dito isto, fica claro como as novas tecnologias podem promover verdadeiras revoluções subjetivas.

De acordo com Zygmunt Bauman (2001), citado por Lima *et al* (2016, p. 93), “o ritmo acelerado e a velocidade, impostos pelas novas tecnologias virtuais e pelo consumismo, afetam todos os domínios da vida social [...]”. Ao que parece, o homem contemporâneo está transportando o *modus operandi* do ciberespaço para seu *modus vivendi* cotidiano. A forma como concebe a si mesmo, o mundo e os outros parece estar mais “relativizável”. Relacionamentos frágeis, rápidos, descartáveis. Está difícil ter paciência e pensar a médio e longo prazo. Tudo tem que ser com pressa. Está multitarefa (fragmentado). Se há pouco tempo priorizava realizar menos coisas com mais profundidade, ao que parece agora faz mais coisas com maior superficialidade.

Diante disso, questiona-se: até que ponto é possível transportar o *modus operandi* virtual para o *modus vivendi* subjetivo? Será que a resolução de questões subjetivas também

pode se dar com um apertado de botão e uma simples passada de tela? Na realidade, isto pode ser muito complicado, pois muitos processos humanos requerem tempo, espera, paciência, esforço continuado e perseverança. Será que excluir/cancelar alguém da minha vida concreta é tão simples como fazê-lo na minha rede social? Desta forma, a reprodução do *modus operandi* fluido, imediatista, instantâneo e simultâneo pela subjetividade humana pode se mostrar desastrosa para a saúde dos sujeitos contemporâneos, gerando estresse, ansiedade e até depressão (Lima *et al*, 2016).

A fim de alcançar seus objetivos, o presente estudo propõe a discussão do conceito de saúde também com base na Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey, pois trata-se de uma perspectiva que, fundamentada na abordagem histórico-cultural, leva em consideração a interação entre fatores individuais e sociais, bem como o papel ativo do sujeito, nos processos de saúde e doença. Assim, conceberemos saúde como processo que integra aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais, rompendo com concepções a-históricas e naturalizadas com a intenção de entender melhor a complexa organização desse processo em termos subjetivos (Mori e González Rey, 2012, pp. 140 e 141).

Vale enfatizar que em meio à plurideterminação dos processos de saúde e doença está o papel ativo do sujeito. A importância da pessoa na qualidade de sujeito não deve ser minimizada em hipótese alguma! Pode-se dizer que o ser humano é condicionado e incondicionado ao mesmo tempo. Às vezes ele não é 'livre de', mas sempre é 'livre para' (Frankl, 2016). Assim, defende-se que a saúde é um processo no qual a pessoa pode e deve participar de forma ativa como sujeito (Mori e González Rey, 2012, p. 141).

O sujeito é aquele(a) que opta, se posiciona, faz frente, escolhe e decide. Desta forma, pode-se afirmar que tanto a noção de subjetividade quanto a de saúde na perspectiva de González Rey não abafam ou suprimem a condição de sujeito das pessoas. Enquanto algumas abordagens da psicologia sustentam que as pessoas não têm muita escolha frente a forças inconscientes e a contingências ambientais, a Teoria da Subjetividade jamais deixa de levar em consideração a participação da pessoa como sujeito diante dos acontecimentos de sua vida (Mori e González Rey, 2012, p. 141).

Portanto, à luz dos conceitos de subjetividade e saúde adotados por este trabalho e da reflexão sobre os impactos das novas tecnologias sobre um e outro, questiona-se: a internet tem produzido crises de identidade? Baseando-se em Arnett (2002), Silveira (2004,

p. 48) assevera que a internet “favorece o avanço sem fronteiras da indústria cultural, unifica valores, crenças, estilos de vida. Determina padrões de consumo. (...) Isso pode gerar o enfraquecimento de identidades culturais e de laços comunitários tradicionais”.

Como consequência psicológica da globalização, potencializada pelas novas tecnologias de informação e comunicação, Arnett (2002), citado por Silveira (2004, p. 46), evidencia que “uma certa confusão de identidades está crescendo entre jovens de (diferentes) culturas (...)”. Isto interpela a refletir sobre as influências multiculturais nas identidades em diferentes partes do mundo: de que modo este movimento tem contribuído para a estruturação ou desestruturação de identidades na pós-modernidade?

Este assunto é de extrema importância para este estudo, pois, segundo Arnett (2002), citado por Silveira (2004, p. 49), a confusão de identidades pode afetar significativamente a saúde de jovens e adultos, gerando abuso de drogas, depressão e até suicídio. Desta forma, urge que psiquiatras, psicólogos(as) e demais profissionais da área da saúde estejam cada vez mais inteirados das relações entre o homem contemporâneo e as novas tecnologias de informação e comunicação.

Metodologia

A presente pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa. O método adotado é o construtivo interpretativo proposto por González Rey (2005, 2017), apoiando-se nos princípios da Epistemologia Qualitativa, “(...) introduzida com o objetivo de acompanhar as necessidades da pesquisa qualitativa no campo da psicologia” (González Rey, 2005, p. 4). Tendo em vista que “a reflexão sobre questões de método é de fundamental importância para a produção de conhecimento” (Alonso e Miranda, 2016), Minayo (2007, p. 21) destaca que “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade difícil de ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Neste sentido, Godoy (1995) assevera que esta metodologia busca investigar os diversos significados que são produzidos pelos sujeitos em um contexto específico.

Tendo em vista a complexidade do tema deste estudo, defende-se que é difícil isolá-lo para ser analisado à maneira dos cientistas naturais com seus experimentos em laboratório. O objeto da investigação deste estudo são pessoas e os efeitos de suas interações com as novas tecnologias de informação e comunicação. Essas pessoas e a interpretação que fazem destas interações e os possíveis efeitos que isto pode provocar sobre a constituição de suas subjetividades e saúde é o que interessa a este estudo (Alonso, 2016).

Dito isto, defende-se que este estudo pode se beneficiar mais da metodologia qualitativa e o que ela tem a oferecer do que da metodologia quantitativa. Não obstante, vale destacar que “[...] a diferença entre abordagem qualitativa e quantitativa da realidade é de natureza e não de escala hierárquica [...]” (Minayo, 2007, p. 22). Neste sentido, Alonso (2016, p. 8) salienta que em vez de se impor e deslegitimar mutuamente, ambas as metodologias podem contribuir “[...] de maneiras diferentes mas complementares para a compreensão dos fenômenos sociais”.

Ao analisar as formas tradicionais de produção do conhecimento na área da psicologia, González Rey notou alguns problemas. Segundo o autor, os princípios epistemológicos do positivismo de Auguste Comte não contemplam as especificidades do objeto de estudo da psicologia, ou seja, a subjetividade humana. Além disto, a ênfase exacerbada conferida pelo positivismo aos instrumentos de pesquisa teria convertido sua

metodologia em um metodologismo, onde “(...) os instrumentos e as técnicas de pesquisa se emanciparam das representações teóricas convertendo-se em princípios absolutos de legitimidade para a informação produzida por eles, as quais não passavam pela reflexão dos pesquisadores” (González Rey, 2005, p. 2).

Tendo em vista a proposta positivista da separação excludente entre o sujeito (pesquisador) e o objeto de estudo, da subjetividade e a afetividade sendo consideradas de forma pejorativa, como fontes de erro, da supervalorização do método e o desprezo pela teoria e pela interpretação, da crença no empreendimento científico como algo neutro, objetivo, do método científico sendo considerado de forma monolítica, dos únicos objetivos da ciência sendo a previsão, a medição e o controle da realidade (Madureira e Branco, 2001), González Rey entendeu ser necessário um processo diferente de construção do conhecimento.

Desta forma, sua proposta da Epistemologia Qualitativa oferece três princípios para a produção do conhecimento científico na área da psicologia: 1) *o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento*. Segundo González Rey (2005, p. 5), isto significa “(...) compreender o conhecimento como produção e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta”. Assim, não seria correto conceber o pesquisador como alguém que apenas possui a função de coletar o conhecimento pronto e acabado presente na realidade. Na verdade, o pesquisador deve se imbricar com a realidade que pretende analisar. Baseando-se em uma teoria e levando em consideração suas próprias ideias e sua criatividade, o pesquisador deve ir de encontro ao que pretende investigar e construir o conhecimento, que nunca está dado de antemão. A simples coleta de um conhecimento supostamente pronto na realidade exige o pesquisador de pensar, sentir e se envolver profundamente no processo construtivo-interpretativo de seu estudo. A partir disto, pode-se falar de zona de sentido, conceito criado pelo referido autor e “(...) que confere valor ao conhecimento (...) por sua capacidade de gerar campos de inteligibilidade que possibilitem tanto o surgimento de novas zonas de sentido sobre a realidade, como de novos caminhos de trânsito dentro dela através de nossas representações teóricas” (González Rey, 2005, p. 6).

O segundo princípio é a 2) *a legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico*. Tendo em vista que cada subjetividade humana se constitui de

maneira única ao longo da vida e dos acontecimentos, González Rey utiliza o exemplo da psicanálise para ilustrar o quanto o singular deve ser mais valorizado e tido como fonte legítima para a produção de conhecimento na área da psicologia. Segundo o autor, foi a partir da análise e investigação profundas de casos singulares que Freud construiu o edifício de sua abordagem teórica. Assim, cada sujeito em sua singularidade é fonte credível e valiosa para a produção do conhecimento científico (González Rey, 2005).

Por fim, González Rey propõe que *3) se deve compreender a pesquisa, nas ciências humanas, como um processo de comunicação, um processo dialógico*. Segundo o autor, “a comunicação é o espaço privilegiado em que o sujeito se inspira em suas diferentes formas de expressão simbólica, todas as quais serão vias para estudar sua subjetividade e a forma como o universo de suas condições sociais objetivas aparece constituído nesse nível” (González Rey, 2005, 14). Portanto, o diálogo se constitui em uma importante fonte para produção do conhecimento, devendo ser valorizado.

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, utilizou-se o instrumento da dinâmica conversacional. Ao tratar deste instrumento, González Rey (2005) afirma que a conversação é um meio poderoso que facilita e possibilita a produção e expressão de sentidos subjetivos. Diferente do que normalmente se faz em um processo de entrevista, na dinâmica conversacional “o pesquisador desloca-se do lugar (de fazedor) das perguntas para integrar-se na dinâmica da conversação” (González Rey, 2005, p. 45). Ao contrário do que se costuma fazer ao estudar rochas, o pesquisador, na dinâmica conversacional, deve aproximar-se do(s) participante(s) de sua pesquisa, criar vínculo e envolver-se no processo dialógico. Segundo o autor, somente assim se poderá ter um acesso de qualidade os processos subjetivos dos participantes. Somente assim é possível co-construir um conhecimento de qualidade.

Cenário Social da Pesquisa

Sendo assim, realizou-se duas dinâmicas conversacionais com dois cidadãos residentes do Distrito Federal. A tabela abaixo detalha algumas informações importantes a respeito deles.

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Cor da pele</i>	<i>Local de nascimento</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Redes Sociais</i>
Alice	26	Branca	Brasília-DF	Superior Completo	Arquiteta	<i>Facebook Instagram Tiktok Twitter Pinterest Whatsapp</i>
José	65	Branca	Patos de Minas-MG	Superior Completo	Analista de Sistemas e Engenheiro Eletricista	<i>Whatsapp</i>

Vale destacar que o pesquisador conheceu o participante Jose no contexto de um trabalho temporário que realizou no período das férias do ano de 2021 para o ano de 2022. Ao descobrir que Jose era Analista de Sistemas e um homem de reflexões profundas sobre os mais variados temas, inclusive o das novas tecnologias de informação e comunicação, o pesquisador o convidou para participar de sua pesquisa. Explicou-lhe que precisaria ler e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (em anexo) para tanto, devido a questões éticas e também que gostaria de encontrar-se com ele pelo menos duas vezes para realizarem uma dinâmica conversacional sobre o tema da pesquisa.

Jose aceitou, ele e o pesquisador trocaram numero de telefone e dias depois eles marcaram um encontro em um shopping para que pudessem conversar sobre o tema. Esta primeira conversa durou cerca de três horas. Com o consentimento do participante, ela foi gravada e posteriormente transcrita em detalhes pelo pesquisador. Houve um segundo encontro, no mesmo local e esta segunda conversa também durou aproximadamente três horas. A conversa foi igualmente gravada e depois transcrita.

Já a participante Alice é irmã de uma amiga do pesquisador. Ao comentar com esta amiga que estava a procura de uma pessoa mais jovem, usuária das redes sociais, envolvida com as tecnologias de informação e comunicação para ser participante de sua pesquisa, ela indicou ao pesquisador sua irmã, com quem o pesquisador não tem uma relação de

proximidade. Assim, o pesquisador entrou em contato com ela, fez o convite, falou do TCLE e ela prontamente aceitou.

Devido a Pandemia da COVID-19, Alice optou por fazer a dinâmica conversacional na modalidade online, via *google meet*. Sendo assim, dias depois do primeiro contato o pesquisador e ela encontraram-se virtualmente e realizaram a primeira dinâmica conversacional, que com o consentimento da participante foi gravada para depois ser transcrita e durou cerca de uma hora e meia. Dias depois eles se encontraram virtualmente de novo e realizaram mais uma dinâmica conversacional, aprofundando muitos dos temas que haviam surgido no primeiro encontro. Ela também foi gravada para depois ser transcrita e durou cerca de duas horas e meia.

Análise e Construção de Informação

No processo de construção da informação, o teórico constitui-se enquanto conjunto de ferramentas intelectuais que favorecem a significação dos fenômenos estudados pela via interpretativa. O pesquisador é de suma importância nesse processo, pois é responsável por articular elementos da pesquisa de campo aparentemente dispersos por meio da construção de indicadores com a finalidade de promover inteligibilidade sobre o fenômeno estudado (Oliveira *et al.*, 2017).

A interpretação das informações acontece durante todo o processo da pesquisa. Assim, não existe um “dado” provindo do valor abstrato de um elemento, mas diferentes construções tecidas a partir de uma rede complexa de significados. A construção da informação ocorre por meio do desenvolvimento do modelo teórico que, por sua vez, representa a progressiva tessitura das construções interpretativas elaboradas a partir de uma relação de tensão entre o pensamento do pesquisador e o campo estudado (Oliveira *et al.*, 2017).

Resultados e Discussão

As novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) são artefatos culturais recém-inventados na história da humanidade. Atualmente, no século XXI, temos convivido, por exemplo, com computadores, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. Nunca tivemos acesso tão fácil e rápido as informações. Ao refletir sobre este assunto, Pozo (2008) afirma que estamos em uma era de “obesidade informativa”. Para nos atualizarmos acerca do que está acontecendo em nosso bairro, nossa cidade, nosso país e até mesmo no mundo inteiro basta, por exemplo, retirarmos nosso smartphone do bolso e acessarmos a internet.

Para grande parte da subjetividade social em relação ao fenômeno das novas tecnologias de informação e comunicação, estes artefatos culturais (aparelhos eletrônicos, a internet) representam evolução e progresso para a humanidade. Entretanto, segundo o participante José, *“esse tipo de coisa (as novas tecnologias) é muito recente (ainda)”*. De fato, as novas tecnologias, o fenômeno da internet, o mundo virtual podem ser considerados novidade entre nós. Não é fácil prever seus possíveis efeitos positivos e/ou negativos sobre a vida das pessoas, o quanto a interação com eles pode influenciar de maneira boa e/ou ruim a constituição da subjetividade e a saúde dos sujeitos contemporâneos.

Ao compartilhar sua experiência com as redes sociais e o conteúdo que tem sido veiculado nelas, José enfatiza o seguinte:

“(...) grupos de whatsapp, mensagens, memes: tudo isto é informação que está entrando, informação anárquica. Vídeos de besteiras: tudo isso fica na sua cabeça (...) esse ambiente pode ser extremamente tóxico (...) não orienta as pessoas a se desenvolverem significativamente, a evoluírem”.

A fala de José revela como a novidade das novas tecnologias de informação e comunicação tem feito parte de sua produção subjetiva. Apesar de grande parte da subjetividade social em relação a este fenômeno considerar que ele é evolução e progresso, José mostra-se cauteloso e crítico. A mera existência das novas tecnologias entre nós parece não ser garantia linear de prosperidade e saúde. A partir da fala do participante, nota-se que é importante atentar para os conteúdos escritos e audiovisuais que estão sendo produzidos, veiculados e consumidos nas redes.

Vale lembrar que para a Teoria da Subjetividade, de base histórico-cultural, a subjetividade humana é resultado constante das interações/relações entre o individual e o social. Portanto, o homem é, também, um ser social. De acordo com esta perspectiva, adotada neste trabalho, não tem como compreender satisfatoriamente o homem, seus modos de ser, pensar, sentir e agir no mundo sem levar em consideração a época em que vive, a cultura em que está inserido e a sociedade onde se desenvolve.

Assim sendo, para compreender um pouco melhor a constituição das subjetividades contemporâneas, seus modos de ser, pensar, sentir e agir no mundo não podemos ignorar as interações/relações delas com a novidade das TICs, bem como os conteúdos nelas produzidos, disseminados e consumidos. Ao refletir um pouco mais detalhadamente sobre os conteúdos veiculados nas redes sociais, José afirma que *“(...) elas têm sido muito utilizadas para o que considero “divertimento de baixo conteúdo”: opinião sem embasamento, muito fofoca, propagação de hatings (...) entretenimento medíocre (...)”*.

Para José, portanto, há muito conteúdo ruim sendo produzido, veiculado e consumido na internet. Apesar de considerar que elas são invenções incríveis, o participante destaca este ponto negativo. Tendo em vista que a mídia *“(...) opera como constituidora de identidades. (...) produz valores e saberes. Regula modos de ser e condutas. Reproduz identidades. Ensina modos de ser homem e mulher, de masculinidades e feminilidades (...)”* (Sabat, 2001, p. 9), é preciso tomar muito cuidado com o que tem sido disseminado nas redes sociais.

Além disso, parece que a contemporaneidade tem priorizado o Ter e o Aparecer e não mais o Ser. Na era da supermodernidade, caracterizada, entre outras coisas, pelo capitalismo em uma etapa avançada e pelo consumismo (Patto, 2013), o valor das pessoas parece residir mais no que elas têm do que no que elas são de fato. Novas tecnologias de informação e comunicação como o *whatsapp, instagram, facebook, tiktok, tinder*, entre outras, são verdadeiras vitrines virtuais onde os sujeitos aparecem belos, ricos e extremamente felizes. Padrões de beleza e felicidade, bem alinhados com a lógica materialista e hedonista dos nossos tempos, parecem se constituir como novos pontos de referência para a constituição das subjetividades contemporâneas. Ao descrever o que um *influencer* faz, a participante Alice afirma que *“ele influencia opiniões, hábitos, padrões, ou*

afirmando ou desconstruindo esses padrões; influencia o jeito de comunicar, as formas de se relacionar, a moda (...)”.

Dito isto, podemos indagar: a forma como isto está acontecendo está favorecendo a construção/produção de que tipos de sentidos subjetivos? Segundo Sibilía (2008), as configurações subjetivas modernas envolviam valores como, por exemplo, a intimidade. Tratava-se das subjetividades interiorizadas. Entretanto, estes sentidos subjetivos têm cedido lugar para valores como a exposição na pós-modernidade. Poderíamos falar, portanto, em subjetividades exteriorizadas na atualidade, o que significa uma nova produção de sentidos subjetivos que, por sua vez, compõem novas configurações subjetivas.

Ao refletir sobre os padrões de beleza, riqueza e felicidade produzidos, veiculados e consumidos nas mídias sociais, José afirma que:

“(...) só felicidade, alegria, gente falando coisas boas da vida, a pessoa se frustra, pois a vida real não é assim. (...) as pessoas passam certas imagens sem ter aquela vida de verdade (...) [muitos] perfis que têm ali tratam [apenas] 10% do que as pessoas realmente são (...) a vida real você tem que lutar por ela (...)”.

Neste sentido, Alice assevera que *“(...) a vida virtual é uma fachada, ela não é a realidade, é editada! (...) [Na verdade,] o que você vê na minha vida virtual não diz 1% da minha vida real (...) às vezes a pessoa tem mau caráter, mas na vida virtual é um anjo, passa credibilidade (...)”*. As falas de José e Alice fazem notar que a forma como a novidade das TICs e o que elas têm veiculado está subjetivada para eles pode ser diferente de como este fenômeno está configurado na subjetividade social e em outras subjetividades individuais.

As impressões de José e Alice nos levam a concluir que “nem tudo que resplandece é ouro”. Pode ser perigoso tornar as TICs e tudo o que elas veiculam como único ponto de referência e sentido para a vida. Fazer do nosso dispositivo eletrônico uma espécie de “waze existencial” pode ter consequências boas, mas também pode ter consequências ruins. Ao refletir sobre isto, José afirma que:

“Passar muito tempo nas telas pode deixar a pessoa muito inerte, ela pode deixar de fazer coisas essenciais: ir para a natureza, se exercitar, ir a algum evento cultural, ver o mundo real. (...) tem muita coisa que dá o real prazer para a vida e que

vai sendo deixado de lado (...) tem muita gente que não sai do seu acesso ao mundo pelo celular (...)”.

Vale destacar que o homem é um ser multidimensional, ou seja, possui uma dimensão física, espiritual, racional, afetivo-emocional e social (Ginger & Ginger, 1995). Assim sendo, priorizar excessivamente as TICs, tê-las como nossos maiores pontos de referência para tudo não seria um reducionismo? Muitas crianças têm passado mais tempo em frente às telas do que socializando presencialmente com amigos; conhecimentos sérios e consistentes têm sido trocados por informações fragmentadas e descontextualizadas disseminadas de maneira prática e rápida nas redes sociais. Além disso, pode-se afirmar que estas ferramentas estimulam apenas dois de nossos cinco sentidos. Ao refletir sobre as diferenças entre o mundo real e o mundo virtual, Alice destacou o seguinte:

“Não vai ter pôr do sol mais bonito do que aquele visto presencialmente! Estar no Rio de Janeiro, por exemplo, e ver o sol se pondo entre dois morros: isso é diferente do que ver a mesma coisa numa tela, um vídeo daquilo. E se você ver acelerado? Não é a mesma coisa! Estando ali você pode sentir, você vai curtir aquele momento, o tanto que ele durar, é o tempo que você tem para sentir aquele pôr do sol. Na internet as pessoas escolhem só uma parte, aceleram, não vão sentir o calorzinho, o friozinho daquele momento, o cheiro da maresia, do mar ali na sua frente, ouvir o som do mar; o paladar: tomando água de coco; seu tato: tocando a areia, sentindo a sensação térmica do momento, abraçando as pessoas naquele momento (...) isso só acontece no real (...)”.

Portanto, experimentar em plenitude parece ser possível somente no mundo real. Um encontro virtual, por exemplo, jamais substituiria a presença real do outro, da sensação do olho no olho, do toque e do beijo. Neste sentido, Patto (2013, p. 311) afirma que “as relações mediadas pela técnica empobrecem a experiência”. A fim de ilustrar o que está querendo dizer, a autora (2013, p. 309-310), citando Zizek (2003), afirma que “assim como o café descafeinado tem o aroma e o gosto do café de verdade sem ser café de verdade, a realidade virtual é sentida como a realidade sem o ser”.

Mesmo estando consciente destas e outras limitações do mundo virtual, Alice associa o mesmo a bem-estar, conhecimento, progresso e realidade. Para a participante, as

inúmeras oportunidades de trabalho que a internet proporciona são promotoras de bem-estar para as pessoas; para ela, além das banalidades e futilidades que há ali, “(...) *pela internet a gente tem acesso a muitas coisas que não fazem parte da nossa bolha*”; é progresso, evolução, dá acesso fácil, prático e rápido a informação e por mais que haja muita mentira e ilusão ali, muitas pessoas também têm sido verdadeiras e exposto suas realidades, servindo de inspiração.

Para Alice, “(...) *a gente nunca evoluiu tanto enquanto sociedade como nessa era digital (...) o tanto que [ele] ajuda é coisa absurda (...) [antes] a dificuldade era muito maior, [mas] hoje em dia toda essa tecnologia é uma benção (...)*”. Apesar disto, a participante não deixa de enfatizar que precisamos ser seletivos ao utilizarmos as TICs. Não podemos, por exemplo, acreditar muito rápido nas informações e nos conteúdos que nos chegam pelas mídias sociais. É preciso, nas palavras de Freire (1987), que passemos da posição de seres de adaptação para seres de transformação, que, segundo o autor, é o que caracteriza o ser humano.

Outra categoria primordial da Teoria da Subjetividade é a do Sujeito. Para ela, Sujeito refere-se a capacidade exclusivamente humana de refletir, ponderar, avaliar, intencional, escolher, decidir, optar, romper. Trata-se “(...) do Sujeito como ser ativo, intencional, capaz de promover rupturas (...) cria-se a si mesmo nas relações com os outros à medida que também cria a sociedade em que vive e é criado por ela (...) é capaz de, por sua autonomia, romper com pressões” (Martins e González Rey, 2015, p. 55-57). Assim, ao enfatizar que as pessoas precisam ser seletivas ao utilizarem as TICs, Alice está querendo dizer que elas precisam ser Sujeitos, agentes de transformação e não seres passivos, submissos e acríticos.

Dito isto, cabe indagar: as novas tecnologias de informação e comunicação estão ao nosso serviço ou nós estamos a serviço delas? Ao refletir sobre a relação entre novas tecnologias e saúde, José afirmou que:

“(...) hoje existe uma Dependência Tecnológica. (...) quando o whatsapp cai, por exemplo, a pessoa fica louca (...) há casos de pessoas que se ficam sem acesso às redes sociais, têm crise de abstinência, perdem o controle como se fossem dependentes tóxicos (...) sem um dispositivo desse na mão muita gente fica completamente desorientada (...) a internet tornou as pessoas muito dependentes (...)”.

Deixar que o Sujeito emergja, a nosso entender, significa não se deixar ser totalmente condicionado, determinado e dominado, por exemplo, pelas novas tecnologias de informação e comunicação. São elas que têm que estar ao nosso serviço e não o contrário. Além disto, o *modus operandi* destas tecnologias, fluido, imediatista, instantâneo e simultâneo não funciona do mesmo jeito que o *modus vivendi* humano, o que levou Lima *et al* (2016, p. 90) a afirmar que “as subjetividades não se transformam com a mesma velocidade das tecnologias”. Para José, “(...) isto é fonte de ansiedade e estresse para as pessoas (...)”, afetando, assim, sua saúde.

Ao refletir sobre o mundo contemporâneo, aprendizagem e novas tecnologias, Pozo (2008, p. 35 e 36) afirma que “um traço característico da nossa cultura (...) é que estamos sendo abarrotados, superalimentados de informação, na maioria das vezes em formato *fastfood* (...)”. Neste sentido, José lamenta que “(...) as pessoas estão meio perdidas nesse oceano de informação. Vejo que é difícil ter foco hoje em dia (...)”. Tudo isto, portanto, parece estar produzindo certo aturdimento nas pessoas. São tantos estímulos que elas estão sem saber no que acreditar, o que fazer primeiro, sentem-se confusas e desorientadas. Mal processam o que acabaram de ver, surge uma nova avalanche de informações, áudios e imagens. Resultam disto, muitas vezes, mentes sobrecarregadas, estressadas, ansiosas e desfocadas.

Outra função psíquica superior que pode ser prejudicada é a imaginação. Enfeitiçadas com as novidades tecnológicas e suas infinitas possibilidades, a grande maioria das pessoas estão apenas reproduzindo e consumindo o que uma pequena minoria está pensando e inventando. Segundo José, “(...) poucas pessoas estão usando sua capacidade de inventividade, criação (...) as que estão criando, estão dentro das empresas enquanto os daqui de fora estão pensando cada vez menos e só consumindo. Isso é um problema! (...)”. Isto realmente é lamentável, pois é difícil sonhar, criar, inventar e realizar com a imaginação embotada (Martins e González Rey, 2015, p. 59). Sem imaginação dificilmente a pessoa encontra força para ser Sujeito. Resta-lhe aceitar e viver com o que lhe é oferecido de fora.

Ao refletir sobre estas problemáticas, José defende que o foco deve estar mais nas pessoas que utilizam as TICs do que nas tecnologias em si. Segundo o participante, o mais importante é a formação delas, o que passa necessariamente pela Educação:

“(...) o grande foco tem que ser a Educação (...) o conteúdo que a escola dá para as pessoas hoje em dia é muito discutível e muito condenável, tinha que ter uma reforma total! Tinham que dar informação para a vida, que desse estrutura para a pessoa conseguir discernir as coisas. Hoje está assim: um monte de aula de matemática, física, química, etc e você que se vire com isso (...) em que isso te ajuda na vida prática, na vida real? (...)”.

Pode-se observar que José toma posição frente aos significados e ao *modus operandi* da subjetividade social da escola, o que demonstra sua condição de Sujeito. Para ele, setores da Educação, tal como estão configurados atualmente, não estão sendo eficientes em formar as pessoas para a realidade prática da vida. Ao refletir sobre o sistema educacional, Illich (1975) afirma que, infelizmente, muitas vezes esse sistema acaba fazendo o contrário do que gostaria de fazer com as pessoas, ou seja, em vez de formá-las, educá-las, torná-las realmente inteligentes e críticas, ele as emburrece, idiotiza e deseduca.

Assim sendo, cabe indagar: será que pessoas mantidas ignorantes, sem formação para a vida e/ou mal formadas seriam capazes de fazer um uso consciente e inteligente das novas tecnologias de informação e comunicação, a ponto de crescerem com isso e não prejudicarem sua saúde? Para José, pessoas mal formadas cuidarão mal de si mesmas, farão mau uso do que quer que seja, inclusive das TICs. Por mau uso o participante entende, por exemplo, usar as redes sociais para produzir e espalhar *fakenews*, distribuir *hatings*, “trolar” e detonar as pessoas. Em suas palavras *“(...) achei que a população ia usar isso para se formar, se emancipar, mas não, parece que deu vazão aos instintos mais precários, ao pior lado do ser humano, como a maledicência (...)”.*

Ao refletir sobre isto, Alice defende a ideia de um Uso Consciente. Segundo a participante, usar conscientemente as novas tecnologias de informação e comunicação significa ter em mente que o que está ali influencia. Tendo em vista que muita gente faz e procura coisa ruim ali, ela defende que *“(...) é preciso estar muito em si para estar na internet. Muitas vezes só estamos ali [no automático] rolando o feed (...)”.*

Considerações Finais

No dia 11 de março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) alterou o Estado de Contaminação à Pandemia da COVID-19. Destaquei este acontecimento para fazermos a seguinte reflexão: como teria sido todo este período sem as novas tecnologias de informação e comunicação? O Novo Coronavírus nos obrigou a passar muito tempo trancafiados dentro de nossas casas. Aglomerações e encontros estavam proibidos. Foi horrível, mas felizmente muitos de nós tínhamos ou um computador ou um *notebook* ou um *smartphone* somado ao acesso à internet e isto foi capaz de diminuir, em alguma medida, nosso medo e nossa solidão ao nos manter virtualmente conectados.

Para nossa saúde e felicidade, de um ano para cá a comunidade científica mundial uniu forças e conseguiu desenvolver vacinas eficazes contra o vírus. Pessoas pararam de morrer e a situação melhorou bastante, embora não tenha sido ainda totalmente resolvida. Encontramo-nos no ano de 2022: ano de comemoração dos duzentos anos da independência do Brasil, de eleições e copa do mundo. Diante disto, faço mais uma indagação: que impacto as novas tecnologias de informação e comunicação, a internet e as redes sociais terão sobre as eleições deste ano?

Conforme demonstrado nesta pesquisa, as novas tecnologias de informação e comunicação e o que produzem e disseminam influenciam a constituição da subjetividade das pessoas. Vale destacar, uma vez mais, que o ser humano não nasce pronto. Ele tanto é produzido pela cultura como é produtor dela. Portanto, suas interações com os artefatos culturais tecnológicos também são significativas na feitura de quem se tornarão. Muita coisa vai surgir na internet neste ano eleitoral: verdades, mentiras, *likes*, *hatings*, *fakenews* e assim como os supracitados padrões de beleza, riqueza e felicidade, sem dúvida estes elementos de algum modo influenciarão os modos de ser, pensar, sentir e agir dos/as brasileiros/as.

A realidade das TICs durante a Pandemia e agora neste ano eleitoral são exemplos que chamam a nossa atenção para o quanto elas se tornaram importantes para nós. Esta pesquisa também investigou seus possíveis impactos sobre a saúde humana e constatou que as pessoas podem desenvolver Dependência delas. Ora, historicamente falando, o ser humano viveu sem elas até muito recentemente, mas os sujeitos contemporâneos não estão conseguindo passar meia hora longe do celular. Ficam estressados, sentem ansiedade,

apresentam sintomas de abstinência. Além disso, sua saúde física também pode ser afetada. Passar muito tempo em frente às telas, por exemplo, pode prejudicar a visão.

Os participantes desta pesquisa, em sua posição de Sujeitos, questionaram a subjetividade social. Para eles, é um absurdo que a Política e a Educação estejam configuradas e funcionando no sentido de manter a ignorância das pessoas. Parece ser do interesse destes setores que as pessoas não sejam bem formadas, aprendam a pensar, sejam Sujeitos, seres de transformação, que avaliem, questionem, critiquem, rompam. Pessoas bem formadas saberão distinguir melhor uma notícia verdadeira de uma notícia falsa. Perceberão com mais facilidade quando tentarem enganá-las. Em poucas palavras, são perigosas para o sistema.

Os participantes criticam a subjetividade social da Escola. Para eles, seu currículo devia estar preocupado, em primeiro lugar, em formar para a vida. Em vez de bombardear os/as alunos/as de conteúdos que servirão mais para passar no vestibular que para qualquer outra coisa, por que não achar um jeito de ensiná-los a ser mais conscientes de si mesmos, dos outros e do mundo? José, um dos participantes, cita a Psicologia. Para ele, isto também é missão dela.

Pessoas mal formadas, portanto, tendem a cuidar mal de si mesmas, dos outros e do mundo. Segundo José, as pessoas estão precisando de valores. Para ele, valor significa fazer o bem a si mesmo e ao outro pelo simples fato de que isso é o que é melhor para todos. O participante defende que Política, Escola e Psicologia deveriam se preocupar mais com isso. Se pessoas mal formadas fazem mau uso das TICs, pode ser que pessoas com melhor formação as utilizem para se desenvolver, evoluir, trabalhar, ensinar, inspirar os outros, etc.

À luz do que foi construído até aqui nesta pesquisa pode-se afirmar que ainda estamos descobrindo as melhores formas de conviver com e utilizar as novas tecnologias de informação e comunicação. Nem sempre é fácil lidar com as inúmeras possibilidades e oportunidades que elas nos proporcionam. O que é bom e o que é ruim? Quais são as vantagens e as desvantagens que elas trazem para nossas vidas? Como utilizá-las em prol de nosso bem-estar físico, psíquico e social? De que modo elas podem servir mais a vida que a morte, mais a verdade que a mentira, mais ao progresso que ao retrocesso? Esta pesquisa começou com uma pergunta, mas termina com quatro. Esperamos que este trabalho e que estas quatro questões finais sirvam de inspiração para novas procuras, que sejam mais um

elo do longo debate acerca deste tema tão maravilhoso quanto intrigante.

Referências

- Alonso, A., Lima, M., & Almeida, R. (2016). Métodos de pesquisa em ciências sociais: Bloco Qualitativo. São Paulo: CEBRAP.
- Barbosa, M. K. (2013). Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. São Paulo: IDE.
- Beling, F. (2021). As dez maiores redes sociais em 2021. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em 06 mai. 2021.
- Donnamaria, C. P., & Terzis, A. (2012). Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores. Mental - ano X - nº 18 - Barbacena-MG - jan./jun., p. 165-178.
- Frankl, V. E. (2016). Psicoterapia e Sentido da Vida. 6ª ed., São Paulo: Quadrante.
- Freire, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Ginger, S., & Ginger, A. (1995). Gestalt: uma terapia do contato. Tradução de Sonia de Souza Rangel. São Paulo: Summus.
- Godoy, A. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, 35(2), 57-63.
- González Rey, F. (2005). Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson.
- González Rey, F., & Mitjás Matínez, A. (2017). Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea.
- Illich, I. Expropriação da Saúde: Nêmesis da Medicina. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- Lima, N. L., Moreira, J. O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. Revista Institucional de Psicologia, 9 (1), jan-jun, pp. 90-109.
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas em Psicologia*, 9(1), 63-75. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v9n1/v9n1a07.pdf>.
- Marcondes, D. (2007). Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar.
- Martins, L. R. R., & González Rey, F. L. (2015). A subjetividade social na institucionalização das políticas públicas. Em *Psicologia e políticas públicas na saúde: experiências, reflexões, interfaces e desafios*/ Larissa Polejack ... [et al.] organizadores. – Porto Alegre: Rede Unida.

Minayo, M. C. S. (2007). O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org.), Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis – RJ: Vozes.

Moreira, J. O. (2010). Mídia e Psicologia: considerações sobre a influência da internet na Subjetividade. *Psicol. Am. Lat.*, n. 20, pp. 1-6.

Mori, V. D., & González Rey, F. (2012). A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária. *Psicologia: teoria e prática*, 14(3), 140-152.

Mori, V. D., & Rey, Fernando L. González. (2011). Reflexões sobre o social e o individual na experiência do câncer. *Psicologia & Sociedade*, 23(spe), 99-108.

Oliveira, A. C.; Goulart, D. M. & González Rey, F. L. (2017). Processos subjetivos da depressão: construindo caminhos alternativos em uma aproximação cultural-histórica. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 3, p. 252-261.

Orlowski, J. (2020). O Dilema das redes. Netflix. Disponível em: <<https://www.netflix.com>>. Acesso em 20 abr. 2021.

Patto, M. H. S. (2013). O ensino à distância e a falência da educação. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 39, n.2, p. 303 - 318.

Pozo, J. I. (2008). *Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, pp. 23-40.

Reali, G. (2017). *Filosofia: Antiguidade e Idade Média*, vol. 1. São Paulo: Paulus.

Romão-dias, D., & Nicolaci-da-costa, A. M. (2005). “Eu posso me ver como sendo dois, três, ou mais”: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. *Psicol. cienc. prof.*, vol. 25, n. 1, pp. 70-87.

Sibilia, P. (2008). Eu, eu, eu... você e todos nós. Em: *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 7-27.

Silveira, M. D. P. (2004). Efeitos da Globalização e da Sociedade em Rede via internet na formação de identidades contemporâneas. *Psicol. cienc. prof.*, vol. 24, n. 4, pp. 42-51.

Simonetti, A. (2017). A invenção do remédio. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1mMmUkMu_SA&t=3106s>. Acesso em 25 abr. 2021.

Anexo

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“Tecnologias de informação e subjetividade: desafios para a sociedade contemporânea”

Instituição dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Pesquisador(a) responsável: Profa. Dra. Valéria Deusdara Mori

Pesquisador(a) assistente: Daniel de Moura Ribeiro

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar e analisar efeitos do uso das novas tecnologias de informação e comunicação sobre a constituição da subjetividade e a saúde de sujeitos contemporâneos;
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em encontrar-se (presencial ou virtualmente) ao menos duas vezes com o pesquisador a fim de dialogar sobre o tema focalizado na pesquisa;
- O procedimento consiste em uma Dinâmica Conversacional. O diálogo será gravado em áudio, com seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise;
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de diálogo interpessoal;
- Medidas preventivas serão tomadas durante a Dinâmica Conversacional para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que a participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais;
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo;
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar;
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis;
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas;
- O material com as suas informações (gravação em áudio dos diálogos interpessoais) ficará guardado sob a responsabilidade do pesquisador assistente, Daniel de Moura Ribeiro, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa;
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/Uniceub, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____,
após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos
nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

Valeria Deusdara Mori

Celular: 61 99153-6857, E-mail: morivaleria@gmail.com

Daniel de Moura Ribeiro

Celular: 61 98197-4970, E-mail: danmoura@sempreceub.com